

Cheysson confia no diálogo

Arlette Chabrol

24

Paris — A conferência de Cancún, qualquer que seja o seu resultado, levará os Estados Unidos, e secundariamente as outras grandes potências mundiais, a se debruçarem durante 48 horas sobre o problema do diálogo entre Norte e Sul. Para o Ministro das Relações Exteriores francês, Claude Cheysson, esse já é um ponto positivo. Mas, a seu ver, os americanos não assumirão a responsabilidade de um fracasso, que se transformaria rapidamente em vitória para os soviéticos.

Sabia-se que Cheysson era singularmente franco para um diplomata, o que ficou confirmado durante encontro com um grupo de jornalistas latino-americanos reunidos no Quai D'Orsay (entre os quais a representante do JORNAL DO BRASIL). Reagindo vivamente ao discurso do Presidente Ronald Reagan, a respeito de Cancún e do Terceiro Mundo, o Ministro do Exterior francês revelou-se de uma franqueza incomum.

Atenção forçada

— Os americanos atribuem incontestavelmente uma grande importância à reunião de cúpula de Cancún. Mas que Reagan tenha considerado útil se pronunciar a respeito já é um acontecimento. Que comece a se interessar pela questão é uma novidade — declarou.

Para o chefe da diplomacia francesa, um dos grandes benefícios que se pode esperar de conferência de Cancún é obrigar os líderes mundiais a se dedicarem ao problema Norte-Sul e discuti-lo. Esse **brain-storming** será um exercício útil aos Chefes de Estado presentes, mais particularmente ao Presidente americano, a se interpretar corretamente suas palavras:

— Não é um insulto dizer que o Presidente Reagan não dedicou até hoje nem dois dias às questões entre Norte e Sul.

Arquivo: 6/6/81



Cheysson manifesta otimismo

E acrescentou, com uma pitada de humor, que, como jamais consagrara dois dias ao estudo da Bíblia, alguém poderia se achar no direito de censurá-lo.

Assim como Reagan descobriu em Ottawa uma ligação entre as flutuações do dólar, as taxas de juros e o desemprego, sem dúvida descobrirá — pelo menos é o que parece pensar o Chanceler francês — as pontes que podem ser estabelecidas entre as dificuldades do Terceiro Mundo e as dos países industrializados.

Ênfase ao desenvolvimento

— Até agora Reagan não falou da reunião Norte-Sul do ponto-de-vista dos Estados Unidos, apenas sobre o que interessa ao americano médio — declarou. Ele não compreende que a instabilidade no Sul é muito mais grave do que uma base militar a mais ou a menos. Essa instabilidade é perigosa, abrindo um flanco aos soviéticos.

Cheysson disse que Reagan não compreende que os aliados dos americanos dependem cotidianamente e fisicamente de suas relações com o Terceiro Mundo, por serem os únicos mercados possíveis, os únicos desenvolvidos desde 1973.

— Três quartos de nossas trocas provêm do exterior. Somos muito pequenos para poder absorver, sozinhos, as variações dos preços das matérias-primas.

Mas, como o chefe do Quai D'Orsay é um diplomata, faz igualmente esforços para se colocar no lugar dos outros. Quando se põe no lugar dos Estados Unidos, diz coisas curiosas:

— Mesmo me colocando dentro da ótica americana, há lacunas no seu raciocínio que eu não compreendo. Os soviéticos só são fortes, eficazes e insinuantes por sua rapidez militar. Ora, é nesse plano (militar) que os americanos querem que enfrentemos o desafio. É um absurdo. Os soviéticos não são em parte alguma do mundo parceiros do desenvolvimento. Não abrem seus mercados. Suas ajudas são insignificantes. No lugar dos americanos, portanto, seria no plano do desenvolvimento que procuraria enfrentar o desafio.

No caminho certo

O Chanceler francês acredita que será difícil a Reagan se recusar a perseguir negociações globais no âmbito das Nações Unidas, depois da reunião de cúpula de Cancún.

— A questão não será mais abordada exclusivamente perante o povo americano, mas na frente de 600 jornalistas do mundo inteiro — explicou.

Abordou também outras questões que dizem respeito aos problemas específicos da América Latina. Se referiu ao famoso comunicado comum franco-americano sobre El Salvador, que tanta celeuma provocou. Longe de procurar amenizar seu impacto, Cheysson se alegrou de ver que causara efeito.

O fato de o presidente da Junta civil-militar salvadorenha, Napoleón Duarte, por ocasião de sua viagem aos Estados Unidos, ter dado ênfase ao processo político e à regularização da situação salvadorenha, quando antes só falava de segurança — e dos meios de assegurá-la — é um passo na direção certa. Outro elemento de satisfação para ele é que Manuel Ungo, da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, falou de Honduras como um possível intermediário.

Evocando os países do Cone Sul, que visivelmente interessam menos aos socialistas do que os da América Central — e por motivos evidentes — o Chanceler francês se mostrou mais conciliador:

— Procuraremos manter uma política tão amistosa e confiante quanto possível com eles. Há dificuldades políticas com relação a alguns, o que não nos impedirá de manter relações com todos os países da América Latina.